

Ações músico-pedagógicas exclusivas para pessoas do gênero feminino:

um estudo a partir da Sociologia da Educação Musical

Comunicação

Maria Amélia Benincá de Farias
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre
maria.beninca@gmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta uma pesquisa de doutorado (FARIAS, 2023), que teve como objetivo compreender ações músico-pedagógicas, feitas por, para e entre mulheres, em Porto Alegre, no período de 2019-2020. Foi realizado um estudo qualitativo (MELUCCI, 2005), tendo a entrevista (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, OAKLEY, 1981; 2015) como principal ferramenta de construção de dados, que foram analisados a partir da Teoria da Ação de Schütz (1932, 1979, 2018). A análise apontou como os motivos pessoais das colaboradoras para se envolverem nas ações não irão se relacionar, necessariamente e diretamente, com os objetivos dos projetos nos quais as ações se baseiam. As análises também indicaram que as práticas músico-pedagógicas desenvolvidas nestas ações são compreendidas como meios para um fim: o de fortalecer meninas e mulheres para que elas consigam expressar-se e colocar-se na realidade social com cada vez mais segurança e confiança. Dentro dessa perspectiva, desenvolveu-se uma abordagem alternativa para a prática musical, uma na qual a falta de domínio técnico não possa ser usada como justificativa para exclusão das práticas musicais e na qual os aspectos coletivos e intersubjetivos são essenciais. Na soma das características expressas dessas vivências, as colaboradoras sentiram-se impactadas pela participação nas ações, tanto em aspectos musicais, quanto para além deles. A pesquisa, que não se esgota em si mesma, contribui com a área da Educação Musical ao dedicar-se ao estudo de práticas músico-pedagógicas inclusivas, alternativas e diversas e com o crescimento da Sociologia da Educação Musical, ao propor o diálogo com a Sociologia de Schütz.

Palavras-chave: Ações músico-pedagógicas, Teoria da Ação de Schütz, Ações exclusivas para pessoas do gênero feminino.

Introdução

Nesta comunicação, irei apresentar um parecer geral da minha pesquisa de doutorado em Música – Educação Musical, concluída e defendida em fevereiro de 2023 (FARIAS, 2023). A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a Dr^a Jusamara Souza. O

presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* Porto Alegre.

O trabalho teve como temática uma série de ações músico-pedagógicas, exclusivas para pessoas do gênero feminino¹, realizada por uma rede de mulheres voluntárias, em Porto Alegre, no decorrer de 2019 e 2020. A pesquisa teve como objetivo compreender tais ações, na perspectiva destas mulheres que as organizaram. *Ação*, neste contexto, é compreendida a partir da Teoria da Ação do sociólogo Alfred Schütz, segundo a qual este termo “designará a conduta humana como um processo em curso, que é projetado pelo ator com antecedência, isto é, com base num projeto preconcebido” (SCHÜTZ, 1979, p. 138). Foi também a partir da teoria em questão que os dados produzidos no campo foram analisados, buscando entender as razões que levaram estas mulheres a se envolver em tais ações, a forma como elas foram desenvolvidas e de que maneira a atuação nas ações impactou suas vidas, a partir das reflexões e interpretações das mulheres envolvidas. Os dados analisados foram produzidos através de uma abordagem qualitativa, calcada na pesquisa social (MELUCCI, 2005), tendo a entrevista (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, OAKLEY, 1981; 2015) como principal ferramenta de construção de dados.

A relevância da temática

A literatura nacional e internacional com a qual esta pesquisa dialoga aponta para a relevância da temática central deste trabalho: a realização de ações músico-pedagógicas exclusivas para pessoas do gênero feminino. Elas têm desvelado como meninas e mulheres, em diferentes países, ainda podem se beneficiar de espaços exclusivos para elas, para o desenvolvimento de suas habilidades musicais e, conseqüentemente, da expressão da sua própria subjetividade por estes meios.

¹ Na tese, utilizou-se a terminologia “mulheres-cis” para identificar o grupo específico das colaboradoras (FARIAS, 2023, p. 19). Porém, atualmente, há integrantes desenvolvendo novas compreensões de si mesmas em termos de gênero, em especial no aspecto não-binário. Portanto, a definição mais adequada aqui seria: pessoas que foram identificadas como mulheres no seu nascimento, foram socializadas objetivamente dentro desta perspectiva e que reconhecem que ainda são identificadas desta forma pelo olhar do outro, embora, subjetivamente, caminhem em outros sentidos. Por isso, opto por, nesta comunicação, demarcar a vivência destas colaboradoras como pessoas do gênero feminino, sem insistir na terminologia “mulher-cis”, que parece não dar conta da complexidade de suas subjetividades. Este questão será melhor desenvolvida em pesquisas futuras.

Duas das ações músico-pedagógicas estudadas são acampamentos de música para meninas, cujo modelo é reproduzido em diversas cidades, em diferentes países. Marsh (2018), ao dedicar-se a análise de um destes acampamentos que ocorre no Canadá, afirma:

[Os acampamentos] oferecem o potencial de desafiar a dinâmica de poder de gênero na indústria da música, criando espaços produtivos que incentivam a acessibilidade, a promoção de artistas mulheres e identificadas como mulheres e a conexão entre meninas e profissionais, além de apresentar mulheres e pessoas identificadas como mulheres como performers, instrumentistas, técnicas, engenheiras, organizadoras, gestoras, etc. (MARSCH, 2018, p. 89, tradução nossa).

Gregory, por sua vez, acompanhou um acampamento de música nos Estados Unidos e, do seu estudo, ela concluiu:

Eu acredito que o acampamento de rock ajuda [as meninas] a superar o sexismo a fim de desenvolver habilidades de performance. O acampamento faz isso por meio da conscientização da cultura pop e do desenvolvimento da autoestima, permitindo que as meninas saibam que não há problema em falar alto e se expressar plenamente. As meninas são encorajadas a assumir riscos e são totalmente apoiadas quando o fazem (GREGORY, 2017, p. 189, tradução nossa).

Neste encontro entre mulheres profissionais e meninas que irão aprender a tocar, todas pessoas envolvidas são impactadas pelas intensas vivências que ocorrem nos acampamentos de música, neste espaço exclusivo, livre do julgo masculino. Guerra, Bittencourt e Gelain (2021, p. 11), a partir da análise de um acampamento de música que ocorre no Brasil, reforçam esta mesma perspectiva, ao apontar que as ações se estabelecem como “locais por excelência de reconstrução identitária musical feminina” (GUERRA; BITTENCOURT; GELAIN, 2021, p. 11).

Buscando contribuir com a temática e me aprofundar nas razões, formas e impacto destas ações nas mulheres que as organizam, elegi as entrevistas, a partir de uma abordagem qualitativa, como forma mais adequada à construção de dados para serem analisados.

Metodologia

A metodologia adotada para este estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, desenvolvida nas Ciências Sociais. Estudos em Educação Musical dentro desta perspectiva

“buscam compreender como as pessoas dão sentido às músicas que ouvem e ‘veem’ no dia a dia e que, de certa forma, lhes oferecem um sentido para si próprias” (SOUZA, 2008, p. 8). No campo em questão, estamos falando de práticas musicais que ocorrem no contexto de ações músico-pedagógicas potencialmente carregadas de sentidos para as pessoas envolvidas que chegam a elas vindo de diferentes caminhos. Diversos aspectos precisam ser levantados para que seja possível fazer a análise destes sentido, e, por isso, Souza (2008, p. 8) explica:

Nesse tipo de pesquisa, o levantamento de dados empíricos é trabalhoso não apenas porque se levantam indicadores descritivos de um aspecto pedagógico-musical, mas também porque se pretende descobrir correlações entre diversos fatos objetivos. Por essa razão, os textos privilegiam a densidade de dados e de descrições (SOUZA, 2008, p. 8).

Na perspectiva adotada para esta pesquisa, tanto o processo de produção dos dados quanto sua análise são processos de natureza qualitativa e reflexiva. A reflexividade, como processo de interromper o fluxo cotidiano do pensamento para refletir sobre si ou sobre algo, torna-se um elemento cada vez mais presente e constante na vida dos sujeitos na modernidade tardia, entendida como um contexto “destraditionalizado”, na qual os indivíduos, isolados dentro da estrutura social, são “forçados a serem continuamente reflexivos em relação à própria vida e identidade” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 64). Especificamente na metodologia qualitativa das Ciências Sociais, Melucci (2005, p. 33) aponta uma virada epistemológica, na qual a redefinição da relação entre observador/pesquisador e campo demanda de seus pesquisadores uma perspectiva reflexiva:

Poder-se-ia dizer que pela dicotomia observador/campo passa-se à conexão observador-no-campo. Tudo o que é observado na realidade social é observado por alguém que se encontra, por sua vez, inserido em relações sociais e em relação ao campo que observa. Por estas razões, o papel do observador e a relação entre o observador e o assim chamado objeto de pesquisa transforma-se em ponto crítico da reflexão sobre o estatuto da pesquisa social (MELUCCI, 2005, p. 33).

No caso do presente estudo, estamos falando de um campo formado por mulheres e estudado por uma mulher. Nossas similaridades, bem como nossas diferenças (pesquisadora X colaboradoras), precisam ser levadas em conta no processo de produção e análise dos dados. No caso da produção dos dados, a entrevista em profundidade foi escolhida como

ferramenta metodológica mais adequada. Justamente pela natureza do campo, das suas integrantes e desta pesquisadora, o trabalho de Oakley (1981, 2015) sobre entrevista com mulheres, junto dos debates de Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996) sobre as dinâmicas de poder da entrevista, fundamentam a produção de dados desta pesquisa.

Oakley (1981), a partir de um longo estudo longitudinal com mulheres no processo de se tornarem mães, passou a defender uma abordagem da entrevista diferente do que era pregada à época do estudo (anos 80). Para a autora, “o objetivo de conhecer pessoas através da entrevista é mais bem alcançado quando a relação da entrevistadora e da entrevistada é não-hierárquica e quando o/a entrevistador/a está preparada para investir sua identidade pessoal na relação” (OAKLEY, 1981, p. 41, tradução nossa).

Entretanto, ao retomar o estudo e suas considerações sobre a entrevista da época (OAKLEY, 2015), a autora aponta como, por outro lado, nem mesmo a dita ‘sororidade’ entre mulheres pode efetivamente equilibrar a balança de poder que se impõe nessas situações de entrevista, considerando os papéis diferentes que cada mulher assume nessa situação entre entrevistada e entrevistadora/pesquisadora. Oakley (2015) discute essas questões a partir do trabalho de Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996), para quem a balança do poder, na entrevista, pende para diferentes lados, nas diferentes etapas do processo: marcação da entrevista, realização, análise dos dados. Pensando especialmente sobre a última etapa – a análise – momento em que esta balança pende indiscriminadamente para a pesquisadora, as autoras propõe o conceito da entrevista como “um *presente* de tempo, de texto e de compreensão que a entrevistada dá à entrevistadora” (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, p. 458, grifo no original, tradução nossa). As autoras desenvolvem:

As medidas tomadas para equalizar as relações de poder não podem contornar o fato de que a entrevistada tem o poder de dar ou não dar [o presente]. Por outro lado, esse presente está sendo confiado aos cuidados da pesquisadora, pois há um ingrediente de confiança, por parte das entrevistadas, de que a pesquisadora não as trairá, abusará de seu poder ou fará mau uso de suas palavras. A adoção da metáfora de um presente obriga a pesquisadora a tratar os dados com certo respeito e a ser continuamente sensível a quem dá o presente. A noção de presente não sugere uma relação de poder unidirecional na qual a pesquisadora é uma receptora passiva das histórias das entrevistadas, mas, ao contrário, demanda uma reconceitualização da pesquisadora como condutora das histórias das entrevistadas, proporcionando às entrevistadas uma voz na literatura e na



comunidade (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, p. 458, tradução nossa).

Assim, tendo estas autoras por base (OAKLEY, 1981, 2015, LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996), dez mulheres foram convidadas a contribuir com esta pesquisa, compartilhando suas memórias e perspectivas. As entrevistas foram analisadas com o auxílio do Software de análise de dados qualitativos NVivo, tendo a teoria da ação de Schütz como principal lente teórica. O quadro 1 apresenta o resumo das entrevistas realizadas.

Quadro 1: Resumo das informações das entrevistas

Pseudônimo	Data da entrevista	Meio da Entrevista	Duração da gravação	Páginas da transcrição
Kim Deal	13/12/2019	Presencial	1h 18min	22
Nic	13/01/2020	Presencial	1h 25 min	30
Elza Soares	06/03/2020	Presencial	1h 07 min	18
Gasparina	10/03/2020	Presencial	1h 26 min	23
Rita Lee	11/03/2020	Presencial	--	8*
Marisa Monte	23/04/2020	Virtual	1h 30 min	22
Margareth Menezes	29/04/2020	Virtual	1h 21 min	24
Maria Bethânia	05/05/2020	Virtual	1h 35 min	29
Esperanza Spalding	18/05/2020	Virtual	1h 19 min	19
Missy Elliot	27/05/2020	Virtual	1h 15 min	19
Total			12h 16 min	214

* Entrevista não gravada. Registro feito por meio de notas no decorrer da entrevista, posteriormente transformadas em relatório, devidamente revisado pela entrevistada.

Fundamentação teórica

Alfred Schütz (1899-1959) foi um sociólogo austríaco para quem o empreendimento sociológico, “deveria ser, primordialmente, o de analisar como se dá esse processo



interpretativo do sujeito sobre a realidade e suas consequências na configuração da sociedade e de todos os fenômenos sociais” (SANTOS, 2018, p. 14). Na Teoria da Ação desenvolvida por ele, Schütz nos dá meios para buscar compreender como motivos, expectativas futuras e o estoque de conhecimento dos sujeitos se articulam nas ações que eles, consciente e ativamente, selecionam, projetam e executam na realidade social.

Sendo a ação uma conduta projetada e motivada (SCHÜTZ, 1979), sua análise precisa ponderar sobre as expectativas futuras que colocaram esse sujeito em movimento e sua história passada, que o levaram a optar por um determinado projeto em detrimento de outro. Estas duas perspectivas, passado e futuro, ligam-se às motivações dos sujeitos, aspectos fundamentais para a análise da ação.

A orientação para o futuro do sujeito representa seus motivos “a-fim-de” (SCHÜTZ, 1979) ou “motivos para” (SCHÜTZ, 2018)². Aquilo que o sujeito busca alcançar como estado futuro, após a execução da ação, é o que o coloca em movimento, o que o faz *agir*. Schütz detalha: “a ação projetada modo futuri exacti como decorrida, pela qual o agir é orientado, consiste, para o agente, em motivo (a saber, ‘motivo-para’)” (SCHÜTZ, 2018, p. 165, grifo no original).

A expectativa futura, porém, não explica – não *motiva* – a constituição do projeto em si. O futuro projetado fará o sujeito agir em busca da constituição deste cenário desejado – mas a forma como ele será alcançado baseia-se nas suas vivências passadas, no seu estoque de conhecimento. Ou seja, enquanto “o motivo-para, partindo do projeto, explica a constituição da ação, o motivo-porque genuíno explica a constituição mesma do projeto com base em vivências antecedentes” (SCHÜTZ, 2018, p. 172, grifo no original).

Os motivos do sujeito são pontos fundamentais da análise da ação. Ao buscar compreender o desenrolar de uma ação em função do que motiva o sujeito, colocamos este ator no centro da análise, o que faz muito sentido: sem sua entrada em cena, um projeto é meramente uma sequência de passos não-executada. Não há agir sem um sujeito da ação. E o sujeito que age, age a partir das suas interpretações de sentido, das suas vivências passadas

² As diferentes traduções do termo original em alemão – *Um-zu-Motiv* (SCHÜTZ, 1932) – devem-se ao fato de que uma delas (motivos a-fim-de) vem de textos traduzidos para o português que são traduções de traduções do inglês (SCHÜTZ, 1979) e a outra – “motivos para” – origina-se de traduções diretas do alemão (SCHÜTZ, 2018). A partir deste ponto, seguirei utilizando apenas a tradução mais recente e direta do alemão, “motivos para”.

e expectativas futuras, das suas relevâncias e tipificações, enfim, a partir da sua subjetividade, do seu estoque de conhecimento. A sociologia de Schütz se dedica, justamente, a compreender os processos interpretativos desse sujeito que age sobre a realidade social. Foi a partir desta perspectiva sociológica, e, mais especificamente, da Teoria da Ação proposta, que esta pesquisa buscou compreender a perspectiva de sujeitos específicos (mulheres que voluntariamente se engajam em ações) nos seus processos de escolher, decidir, projetar e agir.

Resultados da análise: seis pontos para uma reflexão

A análise dos dados produzidos no campo empírico levou a uma intensa reflexão, que busquei resumir em seis pontos principais. Estes pontos, que apresentarei resumidamente, buscam responder aos objetivos desta pesquisa.

A decisão de participar

Este primeiro ponto procura trazer os motivos que levaram as colaboradas a se engajar nestas ações. É notável como, vindo de diferentes lugares, todas colaboradoras da pesquisa chegaram ao mesmo lugar, tendo as ações como ponto convergente de seus percursos. Cada mulher veio com sua história pregressa e tinha diferentes expectativas futuras diante da participação nas ações e, cabe destacar, seus motivos pessoais para participar não estavam, necessariamente, diretamente relacionados aos objetivos dos projetos em si.

Ainda que algumas colaboradoras já tivessem um histórico de envolvimento com ações ligadas a música e mulheres (de forma que a decisão de participar fazia sentido dentro da constelação de projetos nos quais já estavam envolvidas), este não era o caso para todas elas. Algumas delas decidiram dedicar-se porque estavam em busca de novas experiências, porque queriam fazer algo que seria diferente e divertido, ou mesmo porque tinham muitas dúvidas sobre seus caminhos futuros e entendiam que participar das ações poderia ajudá-las a repensá-los. A questão a ser refletida aqui é entender que, uma vez que ação e projeto não são sinônimos, os objetivos do projeto não serão necessariamente iguais aos motivos dos sujeitos que colocam este projeto em ação. Retomando as palavras de Souza (2008, p. 8), uma ação músico-pedagógica “não se dá num vácuo, mas num contexto complexo” e é dentre de

e considerando este contexto complexo que o sujeito imagina o desenrolar da ação e o que isso poderá significar na sua vida, para decidir participar/agir.

A prática musical como ferramenta

Ainda que o objetivo dos projetos nas quais as ações baseiam-se seja promover espaços exclusivos para pessoas do gênero feminino, nos quais elas possam fazer música longe do olhar masculino, há também um entendimento de que, nesta situação, a prática musical é uma ferramenta para questões que vão além de si próprias. No caso dos acampamentos de música (uma das ações do campo), pelo menos duas organizadoras proeminentes nas ações preocuparam-se em apontar que o objetivo do projeto não era realmente *ensinar música*. Fazer música, para elas, era uma consequência do fato realmente pretendido: fortalecer meninas e mulheres para que elas conseguissem expressar-se com volume, segurança e confiança. A escolha da prática musical como ferramenta para este fim devia-se à história de vida das mulheres que organizaram as ações e da percepção que elas tinham da importância que o acesso à prática musical com outras mulheres teve em sua vida.

Meios alternativos de fazer música

Entender a prática musical como um meio para outros fins traz consequências para as práticas músico-pedagógicas que se desenvolvem dentro das ações. Neste caso, o compromisso da entrega das ações não é com um produto determinado, mas com o processo e com a garantia da participação de todas envolvidas. Mais do que ter um domínio técnico apurado, o importante é participar e se expressar da forma que for possível, naquele momento. Isso não significa que as ações não primem por qualidade ou tenham algum tipo de sucesso limitado em termos de educação musical. Elas buscam promover meios alternativos de se fazer música, nos quais os parâmetros avaliativos partem das oportunidades de participação genuína que tais práticas promovem, em oposição a outras práticas, nas quais elevados parâmetros de habilidades técnicas podem tornar-se “mecanismo de exclusão de participação nas cenas musicais” (CAMPBELL, 2017, p. 183, tradução nossa).

A experiência coletiva e a subjetividade partilhada

Outro aspecto relevante nas práticas músico-pedagógicas que se desenvolvem nas ações é o fato de tratar-se de uma experiência coletiva e intersubjetiva entre mulheres, na qual elas, no curso de uma intensa convivência, compartilham suas subjetividades e passam juntas por processos de ressignificações diversas. Retomo aqui Schütz (1979), para quem, diante de um encontro com o outro que reconheço como semelhante, me encontro suscetível e vulnerável: o que o outro diz sobre mim e para mim me afeta mais imediatamente do que aquilo que penso e digo para mim mesma. Isso porque, só consigo “acessar a mim mesma” num momento de reflexão, em que interrompo meu fluxo de pensamento cotidiano para “pensar sobre mim”. Por outro lado, compartilho com o outro um presente imediato e sou prontamente atingido por aquilo que o outro direciona a mim. Schütz (1979) chama esse fenômeno de *tese geral do alter ego* – no sentido de “o outro (que é como) eu”.

Quando estes *egos femininos* se encontram, *egos* que sabidamente compartilham das mesmas experiências de gênero, o efeito se intensifica: o que esta outra, que compartilha da mesma perspectiva que a minha, me diz, tem um efeito mais intenso sobre mim do que o que é dito por alguém que vejo como um estranho. Cientes disso, há um acordo entre estas mulheres, de estabelecer um espaço de apoio, ajuda e escuta mútua. Todas que hoje conseguem fazer, incentivam as que ainda sentem dificuldade, porque elas sabem que elas mesmas já precisaram ser incentivadas. Ou, como resume uma das colaboradoras:

[...] é isso que falta, alguém falar, ‘vai lá que você consegue fazer!’, e aí você vai lá e faz. Mas se não, é muito fácil ficar ‘eu não vou fazer, porque eu não sei fazer, não vou saber.’ [...] é difícil ser a pessoa que diz pra si mesma que dá pra fazer, nesse tipo de coisa, pra mim. Eu precisava muito que outras pessoas falassem, agora talvez eu já consiga dizer pra mim mesma. Depois desse ano que passou, depois dos acampamentos de música” (Caderno de entrevistas, 2020).

Da relevância e efeitos para a Educação Musical

Ainda que, eventualmente, os “motivos para” das colaboradoras engajarem-se nas ações não se relacionem com demandas músico-pedagógicas e mesmo que as práticas músico-pedagógicas das ações sejam vistas como meios para um fim, isso não significa que não haja desdobramentos relevantes para a formação musical das pessoas envolvidas. Sua

principal colaboração, nesse sentido, é possibilitar uma ressignificação entre as pessoas envolvidas e a prática musical. Muitas dessas colaboradoras não levavam a sério a possibilidade de desenvolverem-se musicalmente até o envolvimento na ação. Elas não viam, no seu horizonte de futuros possíveis, a possibilidade de aprender música.

Para Berger e Luckmann (2014), sociólogos discípulos de Schütz, este ponto é especialmente sensível no caso da música: as características intrínsecas deste conhecimento implicam em uma educação musical na qual estabelece-se “tipicamente uma identificação muito mais alta com o maestro e uma imersão muito mais profunda na realidade musical” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 186). Ações como as propostas pelo campo possibilitam que meninas e mulheres, que por diversos motivos não se viam como sujeitos ativos na prática musical, ressignifiquem sua relação com esta prática e possam identificar-se como pessoas que também podem fazer música. Num relato que demonstra esse fenômeno de forma bastante contundente, uma das colaboradoras fala do impacto sentido ao acompanhar as participantes do acampamento de música explorando a própria musicalidade e como isso refletiu na percepção que ela tinha dela mesma:

[...] isso pra mim, destravou um potencial dentro de mim, não de me tornar uma musicista, mas de que... O acesso é transformador, né? E é mágico mesmo. Que a partir do momento que tu tens aquilo na mão, e eu vejo isso quando elas pegam o microfone. Que elas escutam a voz dela na caixa e que elas se escutam diferente. Isso é muito louco. E comigo também aconteceu isso, de eu pegar o microfone e me escutar diferente, e aprender essa voz amplificada, que essa voz é minha. Eu também passei por um processo meio educativo, apesar de ser, teoricamente, a educadora [...]. De eu me educar comigo mesma, do quanto eu era musical (Caderno de entrevistas, 2020).

Da relevância e efeitos para além da Educação Musical

Por fim, pode-se apontar que na soma de todos os fatores, estas ações também são eficientes em alcançar suas propostas que extrapolam a prática musical. Afinal, se pessoas que, até então, duvidavam da sua capacidade de fazer música, começam a fazer música, questionar que outras coisas elas podem estar deixando de fazer por erroneamente duvidar de sua capacidade, parece ser um próximo passo plausível.

Estas ações músico-pedagógicas, exclusivas para pessoas do gênero feminino, calcadas em práticas musicais coletivas e alternativas, tornam-se arenas que fomentam



“outras realidades e outros modos de estar” (GUERRA; BITTENCOURT; GELAIN, 2021, p. 11), para as meninas e mulheres que nelas se envolvem. Para uma das colaboradoras, participar das ações significou romper com um silenciamento imposto:

[...] o impacto maior é perceber o quanto a gente [como mulheres] é silenciada e o quanto a gente tem que falar. [...] É um silenciamento que é colocado, de fora, e que você pode pegar isso e absorver pra si mesma e dizer ‘eu tenho que ficar quieta mesmo’, ou você pode dizer ‘Não! Essa não é a minha verdade! Eu vou falar!’, e aí você vai colocar pro mundo uma verdade, pra que outras pessoas se identifiquem com isso também, e possam assumir essa verdade que pra gente é melhor (Caderno de entrevistas, 2020).

Cada colaboradora tinha diferentes expectativas do que as esperava ao fim das ações e, num intenso processo reflexivo, elas avaliaram se estas expectativas foram atingidas ou não. Indiferente do sucesso que a ação possa ter tido em seus contextos pessoais (sucesso este que não está ligado ao sucesso do projeto em si, mas ao cenário futuro a que se chegou após à execução do projeto e se ele é satisfatório ou não), é fato que impactos foram sentidos. Todas colaboradoras relataram mudanças importantes nas suas vidas por causa das ações e seis, das dez colaboradoras, usaram a expressão “transformadora” para qualificar suas experiências.

Considerações finais

A presente pesquisa contribui para a área da Educação Musical, ao buscar aprofundar-se em práticas músico-pedagógicas que se estabelecem com propostas alternativas, diversas e inclusivas, além de contribuir também para o fortalecimento e desenvolvimento da Sociologia da Educação Musical. Porém, há muito que ainda pode ser feito a partir desta pesquisa. A análise dos dados produzidos no campo não se esgotou, e nem se esgotou as contribuições que ainda podem vir da articulação entre a sociologia de Schütz e a sociologia da Educação Musical para ambas as áreas. Trata-se de um diálogo e intercâmbio teórico com um grande potencial para a construção do conhecimento, um empreendimento ao qual eu seguirei me dedicando.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado da Sociologia do Conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CAMPBELL, Miranda. Girls Rock! Best practices and challenges in collaborative production at Rock Camp for Girls. In.: GRAHAM, James; GANDINI, Alessandro (Ed.). *Collaborative production in the creative industries*. Londres: University of Westminster Press, 2017. P. 117-196. Disponível em: <<https://www.uwestminsterpress.co.uk/site/books/e/10.16997/book4/>> Acesso em 10 abr. 2021.

FARIAS, Maria Amélia Benincá de Farias. *Ações músico-pedagógicas feitas por, para e entre mulheres, em Porto Alegre (2019/2020): um olhar a partir da Sociologia da Educação Musical e da Teoria da Ação de Alfred-Schütz*. 2023. 360 f. Tese (Doutorado em Música – Área de concentração: Educação Musical) Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/259177>> Acesso em 29 set. 2023.

GUERRA, Paula ; BITTENCOURT, Luiza ; GELAIN, Gabriela Cleveston. Brazilian girls power in a rock camp: uma abordagem contemporânea ao “Faça Você Mesma”. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13 jan.-dez. 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/38841>> Acesso em 07 nov. 2022.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Phillip W. *Conceitos essenciais da sociologia*. Tradução Claudia Freire. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2017.

GREGORY, Georgina. Rocking against patriarchy: Single-sex solutions for female musicians. *Journal of Popular Music Education*, v. 1, no. 2, p. 183-197, 2017. Disponível em: <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/jpme/2017/00000001/00000002/art00005>> Acesso em 22 abr. 2021.

LIMERICK, Brigid; BURGESS LIMERICK, Tracey; GRACE, Margaret. The politics of interviewing: power relations and accepting the gift. *International Journal of Qualitative Studies in Education* v. 9, n. 4, p. 449-460, 1996. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0951839960090406>> Acesso em: 12 jul. 2021.

MARSH, Charity. “When She Plays We Hear the Revolution”: Girls Rock Regina A Feminist Intervention. *IASPM Journal*, v. 8, no. 1, p. 88-102, 2018. Disponível em: <https://iaspmjournal.net/index.php/IASPM_Journal/article/view/890/pdf> Acesso em 22 abr. 2021.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura. In.: MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-42.

OAKLEY, Ann. Interviewing women: a contradiction in terms. In: ROBERTS, Helen. *Doing Feminist Research*. Londres: Routledge Kegan Paul, 1981. pp. 30-61.

OAKLEY, Ann. Interviewing women again: power, time and the gift. *Sociology*. Londres, v. 50, no. 1, p. 195-213, 2016. Disponível em:
<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038515580253>> Acesso em 22 abr. 2021.

SANTOS, Hermílio. Apresentação da edição brasileira. In: SCHÜTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva*. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis: Editora Vozes. 2018, pp. 12-15.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Textos escolhidos de Alfred Schütz. Organização e introdução de Helmut R. Wagner. Tradução Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

SCHÜTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva*. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis: Editora Vozes. 2018.

SCHÜTZ, Alfred. *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt: Eine Einleitung in die Verstehende Soziologie*. Berlin: Springer. 1932. Versão e-book disponível em:
<https://play.google.com/store/books/details?id=OnG1BgAAQBAJ&rdid=book-OnG1BgAAQBAJ&rdot=1&source=gbs_atb&pcampaignid=books_booksearch_atb> Acesso em 23 nov 2022.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara. *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp.7-12

